

Invasores de área ecológica querem receber lote no Areal

Famílias que vivem na invasão do Parque Saburo Onoyama reivindicam assentamento em local destinado para população carente

Fixados há seis anos em Taguatinga Sul, os moradores da Invasão do Parque Onoyama estão reivindicando lotes em uma área que garantem ter sido criada para acomodá-los, na Expansão do Areal. Encontram, porém, resistência da administração local que, segundo os invasores, lhes prometeu lotes em Samambaia. A Expansão do Areal foi criada em 1998 pelo governo Cristovam para alojar famílias carentes de várias áreas do Distrito Federal.

Como permanecer na invasão do Saburo Onoyama é inviável tanto para o governo como para os moradores, por causa do prejuízo para o meio ambiente, ocorrências policiais e falta de estrutura, a solução seria realmente transferir os 415 invasores.

No dia 27 de abril, a comunidade, representada pelo líder Francisco das Chagas, entregou um documento à Administração Regional com a finalidade de que chegasse às mãos do governador Joaquim Roriz.

No documento os invasores afirmam que a expansão do Areal, em Taguatinga Sul, foi criada para receber as famílias do Parque Onoyama, mas que na realidade isso não aconteceu.

Os moradores sugerem a criação dos conjuntos X, Y e Z na Expansão do Areal, que serviria para acomodar os invasores do Onoyama. “Esses conjuntos ficariam em uma área que ainda não existe no mapa. Atualmente quem ocupa a expansão do Areal são cooperativas e outros invasores”, afirma Francisco das Chagas.

Segundo Francisco, a proposta da Administração de Taguatinga seria colocá-los em uma área em Samambaia. Os invasores não aceitam a sugestão. Alegam, entre outros fatores, que os filhos estudam em escolas próximas à invasão. O administrador de Taguatinga, Valdemar Aguiar, descarta no entanto qualquer possibilidade de que a invasão vá para o Areal. “É certo que eles não irão para lá. Vamos procurar acomodá-los em outro local, mas ainda

não sabemos quando e onde”, afirma.

POBREZA

O primeiro morador da invasão do Parque Saburo Onoyama, Cleomenes de Oliveira, 55 anos, chegou no local há quase seis anos, ainda no primeiro governo de Joaquim Roriz. Instalou-se atrás da Igreja Batista Esperança, que fica na QSD 24, em Taguatinga. Com medo dos animais selvagens, cercou seu barraco com arame farpado.

“Tenho seis filhos sabe, e tinha um bicho comedor de osso que saía de uma toca e arrastava tudo quanto é osso para o mato. Fiquei com medo, comprei arame farpado e cerquei o barraco”, conta Cleomenes. O tempo passou e logo o barraco de Cleomenes não era mais o único. Atualmente, 415 pessoas moram na invasão, segundo o último censo realizado. “Na verdade esse número já é maior”, atesta o líder da invasão Francisco das Chagas Lima Lourenço. “A cada dia que passa, a invasão aumenta”, conclui Francisco.

Com a chegada de novos invasores, vieram também problemas mais graves, como a ameaça ao meio ambiente — a área é uma reserva ecológica — e a criminalida-

de. “Foram cinco mortos aqui nesses anos, fora os que morreram a caminho do hospital”, conta Cleomenes, aposentado por invalidez.

Os assassinatos trouxeram a polícia. “Como eu era o líder da invasão, os policiais sempre queriam falar comigo, mas nunca me arrocharam porque sabiam que eu sou pai de família”, diz o aposentado. Além de causarem problemas para a polícia e para o meio ambiente, os invasores também não se sentem bem morando em um local onde não há água potável, o lixo é jogado em qualquer lugar e a energia elétrica é obtida por meio de gambiarras.

“A água da cisterna é muito suja. Para buscar água temos que andar de 700 metros a um quilômetro com carrinhos de mão”, conta o mestre de obras Roque Gomes da Paixão, morador da invasão há seis anos. Sua irmã, Josefa Aparecida Gomes, 51 anos, chama atenção para o problema dos roedores e insetos que se multiplicam entre o lixo e o cheiro fétido espalhados por toda a invasão.

“Outro dia desses um rato mordeu um menino. Ele teve que ir para o hospital”, diz Josefa que não se espanta mais com o ataque dos roedores. “Volta e meia, eles mordem alguém.”